



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## IDAS E VINDAS NAS AMAZÔNIAS INFINITAS

Sá, Edilson Batista de<sup>1</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

O processo de colonização do que hoje denominamos de Amazônia foi marcado por idas e vindas do homem dito civilizado: o europeu. Primeiramente, temos que compreender o que é ser civilizado para assim fazer uma análise criteriosa. A civilidade depende do ponto de vista de cada pessoa. Os que aqui habitavam também eram civilizados. Mas civilizados do seu ponto de vista, pois possuíam cultura, língua, viviam em sociedade.

O trabalho irá mostrar as várias incursões feitas por pessoas “ditas civilizadas” tentando civilizar o que já era civilizado. Várias foram às dificuldades enfrentadas pelos desbravadores para conseguirem seus intentos, desde doenças contraídas durante as viagens, períodos de fome e ameaças de animais selvagens e peçonhentos. Contudo, todas as adversidades valiam a pena, pois se encontrassem o tão sonhado Eldorado, seriam homens honrosos, ricos e lembrados por seus feitos.

As narrativas de viagem tinham por objetivo descrever a região. Mas como descrevê-la, se tudo aqui era vista como novo, como ainda em formação? A alternativa encontrada pelos europeus era fazer analogias do que já conheciam do mundo europeu. Em outras palavras, narraram fatos, acontecimentos, a vida selvagem e a flora a partir de seu mundo.

O trabalho também descreverá algumas viagens feitas por esses desbravadores começando com Alonso Mercadillo, no ano de 1835, e finalizando com os médicos sanitaristas. Dará destaque também à passagem e aos relatos feitos pelo Padre Parrissier, assim como a sua visão acerca dos seringueiros que para cá vieram.

---

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. E-mail: edilsonbsa@yahoo.com.br



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## 2 VIAGENS PELAS AMAZÔNIAS

Desde os primeiros desbravadores, sejam eles portugueses ou espanhóis, a Amazônia tem sido objeto de cobiça. Tal cobiça justifica-se pelo fato desses desbravadores acreditarem na existência de um Eldorado. Acreditavam ser um reino

fabuloso, situado em algum lugar do noroeste amazônico, dele se dizia ser tão rico e cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico. (SOUZA, 1994, p. 23).

Logo de início, percebe-se que esta região estava envolta de várias narrativas e o único interesse desses desbravadores era o rápido enriquecimento e, por conseguinte, o domínio desta vasta localidade. Vale ressaltar que a lenda do Eldorado é uma narrativa indígena, mas os desbravadores acreditavam nela sem questioná-la.

Desde a pintura de certas árvores ou pedras, passando pela sofisticação dos brasões, marcos, pelourinhos, arcos do triunfo, até os mapas, o homem desenvolveu, ao longo de sua história, diferentes maneiras de simbolizar a tomada de posse sobre um dado território ou a pertença a uma dada divisão territorial. (ALBUQUERQUE, 2012, p. 7 – 8).

Quando tomamos posse de algo ou o nomeamos, atribuímos a ele um sentido, um significado, o qual se torna cultural. Dá nomes aos objetos e coisas é atribuir-lhes sentidos, é torná-lo nosso, através do que é dito, discursado. Em outras palavras, os processos de dominação não se dão somente através da luta armada, mas também através dos discursos, das ações. A palavra se desloca de acordo com os interesses de cada classe, em um dado momento histórico e geográfico.

Mas, o que vem ser a Amazônia? É realmente infinita? Em primeiro lugar, temos que definir o que é Amazônia. Em segundo, o que vem a ser infinitas. Partindo do pressuposto que a Amazônia só passa a existir, a ser narrada a partir do século XIX, então como podemos conceituá-la? Há várias Amazônias dentro de uma área narrada como Amazônia. Temos a Amazônia peruana, a boliviana, a Amazônia brasileira, a Amazônia legal, dentre tantas outras.

Podemos concluir, então, que a “Amazônia é uma invenção” (GONDIM, 2007) de colonizadores que em alguns momentos viam essa região como algo



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

fantasioso, esplêndido, área ainda em formação, e, em outros, como infernal, destruidora, implacável aos seus visitantes. Hoje ela é vista como uma área cheia de conceitos estereotipados. A Amazônia, assim como as demais regiões, é uma invenção, pois já existia aqui antes de seus desbravadores chegarem. Dizer que ela aparece somente no século XIX é um engodo.

Muitas destas obras utilizam, inclusive em seus títulos, a palavra invenção, para dar a ideia, se não reforçá-la, de que aquele recorte espacial, aquela identidade, aquele nome que designa um dado local do planeta, não é natural, foi produto de ações humanas, foi resultado de um conjunto de eventos históricos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 25).

Dialogando com Albuquerque Júnior, Gondim diz que “a Amazônia foi uma invenção, pois a Amazônia não foi descoberta, esse termo só foi intitulado com a chegada dos portugueses”. (GONDIM, 2007, p. 14). Souza afirma “que quando os europeus chegaram ao século XVI, a Amazônia era habitada por um conjunto de sociedades hierarquizadas”. (SOUZA, 2009, p.118).

Passemos então a descrever a palavra “infinita”. De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa o termo “infinito”, significa “não finito; sem fim, termo ou limite; infindo: o espaço infinito. De duração, extensão ou intensidade extremas; imenso: beleza infinita; inumerável, incalculável, intocável”. (AURÉLIO, 1988, p. 943). No entanto, não é nesse sentido que tomaremos a Amazônia. Mas, no sentido de que os primeiros desbravadores que aqui aportaram conheciam somente alguns fragmentos e/ou recortes desta vasta região. Infinitas por não conhecerem toda ela, mas só uma pequena parte. Tomemos com exemplo alguns conceitos matemáticos: o sistema de numeração natural (números de zero a nove) é finito, pois só se tem dez números, todavia, tornam-se infinitos, pois com eles podemos formar quantos números que vem a nossa mente. Outro exemplo do termo seria as constelações. Vistas da terra as estrelas são incontáveis, inumeráveis, mas elas tem um fim, ou seja, é possível nomear cada uma delas. Assim era com esta região, difícil de ser explorada em toda sua plenitude.

Os primeiros relatos de desbravadores nessa região remontam o ano de 1835. Essa expedição era comandada por Alonso Mercadillo e vinha com 185 homens. Mercadillo não conseguiu seu intento, pois houve um motim, o qual o impediu de conquistar os índios Chupacho e Iscaicinga.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Depois vieram outras expedições que tinham como objetivo encontrar riquezas, bem como descrever o que encontravam pelo caminho. Um dos problemas, do ponto de vista do europeu, enfrentado por essas expedições, era os indígenas. Muitas vezes, tinham que guerrear para conquistar o território. E quanto mais difícil era a conquista, por parte dos europeus, mais eles acreditavam que os índios estavam defendendo algum tesouro.

A possibilidade de existirem tesouros servia como justificativa para que os desbravadores angariassem mais recursos junto ao rei para futuras expedições. Como podemos observar no trecho abaixo:

o relato contém descrições exageradas e fantasiosas para agradar o rei de Portugal, a fim de que este autorizasse ou financiasse novas expedições... Todavia, não seria demasiado lembrar que o “consciente” da propaganda sobre a nova terra encontrava-se, ele mesmo, enquadrado em práticas e valores culturais dos quais os conquistadores eram embebidos sem se darem conta. (UGARTE, 2009, p. 37).

Todavia, o insucesso de Mercadillo não foi empecilho para futuras ações expedicionárias. Uma dessas expedições foi comandada por Gonzalo Pizarro que, mais tarde, confiou a Francisco de Orellana o comando da expedição. Orellana teve vários problemas, desde a falta de alimentos à guerrilha com indígenas. Nesse embate até se destaca a participação de mulheres indígenas na guerra. Os comandados de Orellana, acredita-se que pela pouca alimentação consumida durante a viagem, assim como pelo cansaço, juraram eles estarem lutando com amazonas (mulheres guerreiras relatadas pela mitologia grega). Percebe-se aqui que eles sempre relacionavam o desconhecido a algo similar que eles conheciam ou já tinham ouvido falar em seu país de origem. Após retornar à Espanha, Orellana apresenta-se ao rei, Imperador Carlos V, e narra suas aventuras, as quais será um divisor nos processos de colonização amazônica e deu condições para que outras expedições também se aventurassem por essas plagas.

Os cronistas sempre exageravam em seus relatos como forma de impressionar Sua Majestade, com o intuito de conseguir recursos para si e para futuras expedições. Mas é bom ressaltar que as narrações se dão a partir da visão do narrador e do local onde essa narrativa ocorre.



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Frei Carvajal também viaja por essa região até como uma forma de validar o que os cronistas, anteriores a ele, escreveram, pois a palavra de um homem da igreja tinha grande valor e era merecedora de todo respeito e confiabilidade.

Nessa época pairaram dúvidas sobre Francisco de Orellana e seus comandados de terem abandonado Gonzalo Pizarro, mas Carvajal confirma que não houve essa intenção por parte de Orellana e de muito menos incitar os comandados de Pizarro ao motim.

Souza afirma que

o mundo que Carvajal transforma em escritura é um mundo que se abre em suas surpresas para por à prova a vocação missionária. É uma paisagem que não contém apenas novidades surpreendentes, coisas portentosas, bizarras, alimária, mas também e, sobretudo, uma limitação que não pode ultrapassar os dogmas da fé. (SOUZA, 1994, p. 25).

Com relação aos habitantes que aqui já viviam, no caso os indígenas, Carvajal não esboça nenhuma referência no que diz respeito à supremacia cultural desses habitantes amazônidas. O que havia em comum entre europeus e índios era a violência com que atacavam ou se defendiam; razão, pela qual, os índios deveriam se erradicados ou “amansados” e colocados para prestarem serviços à coroa.

Durante os séculos XVI e XVII várias expedições partiram com destino ao que hoje chamamos de Amazônia. Seus ocupantes esperavam encontrar riquezas nunca antes vista, percorreram rios, florestas até chegar a regiões que se acreditavam possuir a recompensa material, tais como ouro e prata, dentre outras riquezas. Viagens difíceis rumo ao desconhecido. O que causava pavor aos viajantes era a ausência de terra firme. Em alguns momentos, os desbravadores irão duvidar de certas narrativas já escritas, pois em nada condiz com o que eles vêem.

Vicente Pinzón, considerado um *expert* em geografia e capitão espanhol esteve por aqui em 1499, “não acreditando ser um rio mandou um de seus subordinados recolher amostras de água, provou e ficou surpreso ao saber que navegavam num mar de água portátil”. (SOUZA, 1994, p. 22). Ele nomeou pela primeira vez um dos maiores rios desta região, chamou-o de “Santa Maria de la Mar Dulce”. Nome dado em comparação entre a doçura das águas e da mãe de Jesus,



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Maria. Seus comandados preferiram não chamar de Marañon (que significa: mar não ou não é mar).

Durante o século XVI apenas duas expedições conseguiram descer o Rio Amazonas, o que contribuiu para o conhecimento dos povos que viviam em suas margens.

1ª). a expedição “descobridora” de Francisco Orellana (1541 – 1542), que saiu da atual Amazônia equatoriana, desceu o rio Napo e em um bergantim e após 8 meses chegou no Atlântico; 2ª). expedição de Ursua-Aguirre (1560 – 1561), composta por 370 espanhóis e cerca de 200 índios, que saindo da atual Amazônia peruana veio a dar no Atlântico. (FREIRE, 1994, p. 8 – 9).

As viagens de Vicente Pinzón e Diego de Lepe despertaram o interesse europeu sobre a Amazônia, em duas vertentes “a) o encanto pelo imediatamente visível - as águas e a aparente fertilidade da terra; b) expectativa, igualmente positiva, da existência de diversas riquezas, principalmente auríferas”. (UGARTE, 2009, p. 170).

Esse interesse está relacionado à visão colonial e mercantilista da época. No entanto, surgiram outras visões, entre elas podemos citar o surgimento do humanismo italiano. Um humanista que mais se destacou foi Pedro Mártir de Anglería, era italiano, mas viveu na Espanha como cronista de Castela e tinha o monopólio das informações que chegavam do continente americano trazidas pelos navegadores e conquistadores.

Em certos momentos chega a duvidar dos relatos de Pinzón com relação às informações sobre o rio Marañon/Amazonas. Conforme se observa que a

dúvida originava-se de seu conhecimento dos rios europeus. O questionamento preservava-lhe as opiniões pessoais. Mas, consciente que o princípio aplicado à fala de seus informantes poderia, da mesma forma, atingir os seus escritos, Pedro Mártir cede à possibilidade de existirem grandes rios em outras partes do mundo, uma vez que a Natureza poderia ter agido diferentemente. (UGARTE, 2009, p. 171).

Com o passar dos anos e a realização de várias expedições, os europeus perceberam que os rios são merecedores de atenção e que por eles seria possível adentrar cada vez mais no interior amazônico e assim desbravar o desconhecido e agregar valor as viagens. Mesmo que os cronistas não pudessem encontrar suas







x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

com que eles sentissem temor e repulsa, porque causavam dor e irritação com suas picadas, destruíam papéis e madeira e roíam até partes do corpo humano.

Os animais citados acima são considerados de pequeno porte, mas também havia animais maiores e mais perigosos: os jacarés. Estes não faziam distinção entre morador local e viajante. Apenas queriam saciar sua fome. Há relatos de ataques desses jacarés a indígenas dentro de canoas. Eles eram um perigo constante. As cobras venenosas também eram outro perigo, menos cruel que os jacarés, pois para aquelas havia remédios para combater seu veneno, já para estes, a morte era certa.

Havia também o perigo na hora do banho, principalmente se você fosse ser banhar no rio. As araias também eram uma ameaça, assim como os demais felinos (onças, jaguatiricas, porcos do mato etc.).

Como pode-se perceber as viagens pelas Amazônias eram repletas de ameaças e perigos. A qualquer momento, você poderia ser morto por algum desses animais que sempre estavam à espreita. Mas, esses desbravadores não poderiam voltar à sua terra natal sem ter dados convincentes de que aqui seria uma espécie de “terra prometida”, e também que todo esforço valeria a pena, pois seriam reconhecidos pelo rei e demais membros da coroa com uma espécie de herói, além desse reconhecimento seria agraciado com títulos de nobreza, terras e riquezas pecuniárias.

Além de todas essas benesses dado pelo rei ao desbravador havia também o financiamento de futuras expedições. Nos relatos, apesar de todas as dificuldades porque passam esses homens, estes tinham o desejo de retornar. Esse retorno seria menos doloroso, pois já se conhecia vários problemas a serem enfrentados e dessa vez estariam mais preparados para enfrentar a selva e seus habitantes (índios, animais peçonhentos e mamíferos de grande porte).

Relatamos até agora fatos ocorridos nas Amazônias. Daqui por diante, faremos um recorte dessas Amazônias: o que é hoje nomeado, narrado de Acre e, mais especificamente, nesse momento, o Juruá.



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Em 1897 partem para o Juruá, saindo de Manaus, os padres Cabrolie e Parrissier. O padre Parrissier, pessoa de caráter forte que veio para a região supracitada no final do século XIX, deixou alguns escritos sobre o local.

Chegando aos seringais se depara com alguns problemas que considera nocivos à população. Lembrando que o clérigo possui o olhar do conquistador, “do civilizado”, “do homem que fala por Deus”.

Em suas andanças pelos seringais ele realiza casamentos, batizados, crismas e irá constatar que há cinco pragas nessa região e somente uma é de origem da natureza. Percebe-se aqui, mais uma vez, uma alusão às pragas do antigo Egito.

A primeira praga, segundo Parrissier, é a bebida. Ele diz que o álcool “é a verdadeira praga, é o flagelo da região. É algo inacreditável a quantidade de cachaça que é bebida nos rios pelos seringueiros”. (CUNHA, 2009, p. 45). Ele combate com veemência o consumo de álcool nos seringais, mas para os habitantes dessas localidades, a cachaça é vista como uma fuga dos problemas.

A segunda praga é a rixa. Os homens cearenses são considerados sujeitos de sangue quente, que não lidam bem com desaforo, principalmente quando ingerem bebidas alcoólicas, potencializando ainda mais essa característica. Após se embriagarem partem para lutas corporais e até armados com facas. Parrissier os chama de “bestas com formas humanas”. (CUNHA, 2009, p. 46). Há mortes nessas lutas e no outro dia são jogados nos rios ou enterrados em covas rasas como se fossem animais.

A terceira praga é a vingança. Parrissier é altamente preconceituoso com os cearenses que aqui habitam. Afirma que estes são extremamente vingativos. “... a vingança faz parte do seu credo, para satisfazê-la ele mata um homem como se mata um cão e para atingir sua meta todos os meios são bons”. (CUNHA, 2009, p. 46).

A quarta praga é de origem da natureza: os piuns e as carapanãs. Os primeiros atacam durante o dia não dando trégua a ninguém. Mais uma vez, Parrissier recorre às escrituras sagradas (as dez pragas do Egito) para explicar esse fato. Ele afirma que os piuns são mais “malignos do que todos os animais ferozes



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

reunidos e com sua picada, que queima o rosto, faz sofrer e enfraquecer com a perda de sangue”. (CUNHA, 2009, p. 49). Os segundos são menos inofensivos que os piuns; picam, mas suas picadas dão apenas coceiras, isso se comparadas com os piuns.

Por fim, a quinta praga: a dança e a sanfona. Parrissier era considerado um homem de pouca paciência. Mas, para o seringueiro, a sanfona e a dança eram as únicas diversões que existiam por aqui. No entanto, o padre não via essa diversão com bons olhos.

O que Parrissier não levou em consideração foram as condições de vida da população que aqui habitava. Seu olhar foi o de um homem “civilizado”, “homem de Deus” e que estava acima de reles mortais. Seres que, às vezes, se assemelhavam a animais em fúria, pois matavam para não morrer.

Percebe-se, até agora, que todos os desbravadores ou viajantes que passaram pelas Amazônias sempre tiveram um olhar diferenciado sobre essa região. Como se constata abaixo:

os séculos podem variar e os cronistas serem das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicas, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial. (GONDIM, 1994, p. 77).

A Amazônia também despertou o interesse de vários autores, entre eles podemos citar Euclides da Cunha. Ele também reforça uma imagem de natureza enigmática, a qual deveria ser desvendada pela ciência. Se contrapondo aos relatos de viagens dos naturalistas dos séculos XVIII e XIX, dizia que essa região deveria ser estudada sob a ótica da ciência.

Euclides da Cunha não deixou também de sublinhar os elementos surpreendentes, difíceis de serem explicados pelo arsenal de conhecimento que dispunha. Daí o consórcio entre ciência e imaginação que caracterizou seus relatos. (LIMA & BOTELHO, 2014, p. 141 – 142).

Euclides da Cunha descreve três situações sobre a Amazônia. Na primeira, ela é vista como uma “miniatura trágica do caos para o plano da criação artístico-literária, ao identificar a Amazônia com a Esfinge”. (HARDMAN, 2009, p. 65). Percebe-se, por sua vez, que é muito difícil se depreender de conceitos que



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

foram narrados e perpetuados ao longo do tempo, cabendo às gerações posteriores somente repeti-las sem uma análise mais criteriosa.

Os relatos de Euclides da Cunha parecem deixar claro sua impotência diante da natureza, pois o mesmo não consegue ou não possui ferramentas adequadas para analisá-la das mais diversas formas, entre elas podemos citar os fatores climáticos, os seus rios caudalosos, sua vegetação exuberante e os animais, sejam eles peçonhentos ou não.

A segunda situação, “as estradas dos seringais como labirinto moderno da solidão” (HARDMAN, 2009, p. 69). Ele se utiliza de metáforas com relação às estradas de seringa, onde o seringueiro entra e não consegue mais sair. Só labirintos. Ele começa a caminhar pela estrada e sempre retorna ao ponto inicial. Afirma também que o seringueiro é um aprisionado devido a relação de trabalho com o seringalista.

A terceira situação é o “Judas-Ahsverus e os fantasmas da ira” (HARDMAN, 2009, p. 73). O seringueiro é condenado a viver na terra inóspita. O seringueiro pune o Judas, mas na realidade, segundo Euclides da Cunha, está se autopunindo.

Nesse ponto, percebe-se que Euclides se vale de tradições Ocidentais e literárias antiquíssimas, articulando uma fusão entre a lenda do Judas Iscariotes, o traidor que entrega Jesus aos romanos figura-objeto dos rituais de “malhação” tão frequentes no Brasil no sábado de Aleluia - e os relatos sobre o Judas Ahsverus, que se tornaram populares na Idade Média, sobretudo depois dos seus primeiros registros escritos no século XIII. (HARDMAN, 2009, p. 74).

Após várias décadas já terem se passado, assim como os desbravadores, Euclides da Cunha também faz analogias da Amazônia com o mundo europeu, como os relatados anteriormente.

Mas as contribuições de Euclides da Cunha para a Amazônia “ajudaram a construir a imagem de uma natureza enigmática, que deveria ser decifrada pela ciência, e de uma sociedade que perecia”. (LIMA & BOTELHO, 2009, p. 141).

Na década de 1920, Mário de Andrade e Carlos Chagas vieram à Amazônia. O primeiro escritor. O segundo médico sanitarista, além de Osvaldo Cruz, também médico sanitarista. A missão de Mário de Andrade era abordar novas perspectivas sobre essa região, mas, às vezes, em seus escritos sobre a Amazônia



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

recorria à sátira e à ironia, demonstrando os estigmas do atraso e das doenças. Já os sanitaristas tinham por nobre missão erradicar várias doenças através da sanitização. Osvaldo Cruz foi convidado pelos trabalhos realizados no Rio de Janeiro.

Carlos Chagas, ao chegar nessa região, tem uma reação de estranhamento, tanto pela imensidão da floresta, como pelas doenças existentes. Ele chega em pleno inverno amazônico, onde a propagação dessas doenças é mais evidente. Todavia, a questão geográfica e física são fatores dos insucessos dessas expedições. Não foi levado em consideração pelos médicos sanitaristas as condições de especificidades da Amazônia. É impossível comparar os aspectos geográficos, culturais e econômicos entre regiões, no caso Amazônia e Rio de Janeiro.

Até agora Mário de Andrade foi um dos poucos viajantes que teve um olhar diferenciado sobre essa região, pois seu desejo era contrair malária para saber como se sente um homem amazônida e como se comporta uma pessoa com tal doença. Afirmou também que a Amazônia não é primitiva, mas um local original, único, específico e que ela não é uma terra sem história.

Como podemos comprovar na afirmação “... porque a mais importante descoberta modernista do Brasil, como já observamos, foi a de que o primitivo faria parte de nós mesmos, ele não seria exótico como para a vanguarda europeia”. (LIMA & BOTELHO, 2009, p. 166).

Desde os primeiros desbravadores, sejam eles espanhóis ou portugueses, a primeira intenção sempre foi tirar proveito econômico desta região, assim como anexar essas terras aos impérios. Os habitantes que aqui estavam não eram vistos pelos colonizadores e quando vistos eram mencionados como sendo seres quase invisíveis. Como fica evidente na citação a seguir:

Colombo fala dos homens que vê unicamente porque, estes, afinal também fazem parte da paisagem. Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a Natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores. (TODOROV, 2003, p. 47).

Durante as idas e vindas desses “arautos da civilidade” o que eles deixaram foi um rastro de destruição e de apagamento das culturas e das línguas



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

índigenas. Estes só aparecem em suas narrativas quando o europeu quer obter alguma vantagem. Apesar de todo o silenciamento das populações locais elas sobreviveram para contar o processo de expropriação de suas riquezas, tanto materiais como imateriais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda narração se dá a partir do nosso ponto de vista. Narramos o outro a partir do eu. Sempre que narramos temos um interesse implícito, não há nada inocente em nossas vidas e em nossas narrativas. Assim também aconteceu com todos os desbravadores que chegaram a essa região que hoje chamamos de Amazônia.

Do ponto de vista econômico era rentável, pois se descobrissem materiais preciosos (ouro e prata) seriam ricos e famosos, além de desfrutar da amizade e confiança do rei.

Excursões por essas plagas não faltaram. Tanto espanhóis como portugueses fizeram sua corrida em busca do Eldorado perdido. Decerto nunca o encontraram, mas suas viagens contribuíram, de maneira decisiva, para o desbravamento e tornar essa região conhecida, mesmo que suas narrações não correspondessem realmente com o que estava sendo narrado.

A igreja teve papel importante, pois serviu para validar os relatos de viagens dos desbravadores, além de “civilizar e catequizar” a população que aqui já vivia. A igreja veio tornar esses homens filhos de Deus e tirá-los do estágio não civilizado, da barbárie.

As pessoas (seringueiros) que para cá vieram eram esquecidas pelas autoridades. Vítimas, muitas vezes, de exploração quase servil. Muitos morreram de doenças, outros foram mortos, a mando dos coronéis, ou em rixas pessoais, alguns também foram vítimas de animais ferozes ou peçonhentos. A vida na Amazônia era e é um desafio constante. Desafios esses que vão desde a preservação da natureza até utilizar essa própria natureza em proveito do homem que aqui vive.

O que se conclui é que tanto os desbravadores de séculos passados, como os nordestinos que para cá vieram, poderiam ser considerados uns



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

verdadeiros pioneiros em “povoar” essa região. Pioneirismo que custou a vida de muitos cidadãos. Sejam eles europeus, nordestinos ou indígenas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, **Preconceito contra a origem geográfica de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Tastevin, Parrissier: fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

FERREIRA, Aurélio, Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, José Ribamar Bessa (Org.). **A Amazônia colonial (1616 - 1789)**. 5ª edição. Manaus: Editora Biblioteca Metro Cúbico, 1994.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. “Euclides, a Amazônia e o infinito”. In: **Os condenados da Terra**. Tradução Eunice Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 1994.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Manaus: Biblioteca do Exército Editora, 1973.

TODOROV, Tzvetan, **A conquista da América**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI/XVII**. Manaus: Editora Valer, 2009.